

ENTREVISTA

Entrevista com *Arlei Sander Damo*

Entrevista realizada por Radamés de Mesquita Rogério⁴⁸

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Gostaria de pedir que o senhor apresentasse um breve resumo de sua trajetória como pesquisador, professor e autor.

ARLEI SANDER DAMO: Tive muitas idas e vindas até me estabelecer na antropologia. Fiz vestibular para diversos cursos e cheguei a cursar dois anos de engenharia mecânica. Então tentei uma transferência para a filosofia, ao mesmo tempo em que me inscrevia para novo vestibular em educação física. Isso dá uma ideia das minhas convicções; ou da falta delas. Na educação física logo me interessei por disciplinas mais reflexivas, que não eram muitas, mas tinham professores qualificados. Uma bolsa de iniciação científica me permitiu incursionar por vários cursos da área de humanidades e me encontrei na antropologia. Fiz mestrado, investigando os vínculos dos torcedores com seus clubes, e doutorado, inventariando o processo de formação de jogadores profissionais. Desde então sigo desenvolvendo projetos na área da antropologia do esporte – sobre a constituição dos circuitos de competição futebolística, circulação de jogadores, megaeventos esportivos, entre outros – e também na área da antropologia da economia e da política – desenvolvi um projeto sobre democracia participativa e orçamento participativo anos atrás. No âmbito da antropologia, tenho me dedicado bastante a temas da antropologia do esporte, por afinidade e compromisso no desenvolvimento desta área, mas me interesso também por outros campos– a maior parte dos meus orientandos trabalha com antropologia da economia e da política, buscando uma interface entre esses domínios.

Como docente atuo desde 2006 na UFRGS, mas antes fui professor na Universidade de Santa Cruz do Sul/RS (1999-2006) e também atuei na Secretaria de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre (2000-2003) – neste caso atuei em dois projetos: uma brinquedoteca itinerante que circulava pela periferia da cidade e outro que cuidava da organização do futebol de várzea. Tenho umas três dezenas de artigos/capítulos de livro publicados, quase

⁴⁸Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará e professor da Universidade Estadual do Piauí.

todos envolvendo o futebol, além de três livros – um deles em parceria com Ruben Oliven. Neste momento estou concentrado num projeto bem amplo sobre os megaeventos esportivos no Brasil. Tento abarcar quatro aspectos principais: a construção/reforma dos estádios, as diferentes modalidades de produções discursivas; os protestos; e os eventos satélites (que ocorrem antes, depois ou nas bordas das competições propriamente ditas).

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Como o esporte, o futebol especificamente, transformou-se em objeto de investigação social para o senhor?

ARLEI SANDER DAMO: Quando eu migrei da educação física para a antropologia, passei a ser visto como alguém que desejava trabalhar com o futebol. Meu leque de opções era mais amplo, envolvendo questões relacionadas ao lazer, ao corpo, à cultura popular. Na educação física havia sido muito influenciado por uma perspectiva crítica aos valores do esporte de alta performance, que ainda hoje é bastante forte, embora não seja hegemônica. Não estava no meu horizonte imediato trabalhar com torcidas de futebol ou formação de jogadores, mas no decorrer do curso fui sendo convencido de que havia uma lacuna de pesquisas sobre o futebol no Brasil e fui acomodando as leituras mais amplas e as mais restritas, sobre esporte/futebol – na época a bibliografia era efetivamente escassa e mais difícil de ser acessada. E havia, sobretudo, a pressão pela definição do tema, a urgência de iniciar um trabalho de campo, formatar um projeto, essas coisas que acompanham os mestrandos. Então não havia tempo para me experimentar em outras áreas. Eu havia feito várias disciplinas de antropologia em currículo suplementar na graduação, mas o meu domínio teórico teve de ser aprimorado para que pudesse acompanhar a turma. No fim das contas, a opção pelo futebol se deveu a muitas razões discretas – pois nenhuma delas, isoladamente, explica-a -, uma mescla de interesses pessoais, urgências, competências e, claro, possibilidades epistemológicas.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Eric Dunning, parceiro de Norbert Elias em uma das pioneiras e principais obras sobre esporte na perspectiva das Ciências Sociais - “Em busca da excitação”, afirmou em entrevista (1995) que o estudo do esporte era visto como “objeto de segunda categoria” na sociologia de sua época. Como o senhor vê a atual posição da temática esportiva no campo das Ciências Sociais? E especificamente no Brasil, como o senhor analisa essa posição?

ARLEI SANDER DAMO: Alguma coisa mudou, mas ainda há muito a ser feito. Antes de Elias começar a orientação da dissertação de Dunning, eles discutiram sobre a pertinência do empreendimento. Dunning parecer ter sido bem convincente, pois o próprio Elias passaria a se interessar pelo tema. Uma discussão nesses termos seria anacrônica nos dias atuais, depois de várias dissertações e teses realizadas. De todo o modo, penso que nossos

colegas de outras áreas nos leem pouco. Pode ser que seja preconceito deles ou que tenhamos que trabalhar mais e melhor.

As ciências sociais têm, via de regra, um viés crítico, e os temas preferidos de pesquisa são aqueles com os quais o pesquisador se sente mais a vontade para exercer um contraponto ao estabelecido. No âmbito esportivo é difícil localizar os outsiders, aqueles que seriam os equivalentes dos proletários, dos excluídos, dos desviantes. Então parece, sob este aspecto, não ser um tema muito instigante. Muitos colegas ainda veem o esporte como algo descolado da política e da cultura. É tido como algo heteronormativo, conservador, reacionário, corrupto e assim por diante.

Há de levar-se em conta que muitos cientistas sociais não tem boas experiências esportivas e, por conta disso, desdenham tudo o que se relaciona com o esporte, mesmo uma tese, que nada tem a ver com as preferências pessoais de alguém. Definitivamente, o esporte e os valores a ele associados – cuidados com a saúde, beleza, desempenho físico, competitividade, etc – não são tidos como os mais importantes no espectro das ciências sociais. Creio que este desdém se explica, em boa medida, pela educação da sensibilidade na nossa cultura, reforçada pela instituição escolar, que opõem mente e corpo.

Não se deve descartar ainda o fato de que o esporte também é objeto de outras disciplinas acadêmicas. Nem me refiro ao caso da historiografia, que está muito próxima das ciências sociais, mas sobretudo da educação física, do jornalismo e várias especialidades médicas. Penso que as nossas produções são, em alguma medida, concorrentes com essas outras. A quantidade de notícias, fofocas e comentários esportivos disponíveis na mídia é extraordinária. Então a pergunta: por que alguém se interessaria por algo além disso?

As ciências sociais brasileiras estão dentro desse contexto, mas preciso fazer uma ponderação. A quantidade de trabalhos na antropologia e na historiografia é bem superior à sociologia. E na ciência política não existe praticamente nada a respeito. Mas esta é uma característica brasileira, de modo que as diferenças relativas teriam de ser analisadas com mais cautela, pois para isso contribuem muitos fatores, como o envolvimento pessoal de alguns pesquisadores na organização de eventos, publicações, orientações e assim por diante.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: A realização de megaeventos (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos) contribui para o fortalecimento desse campo de pesquisa no Brasil?

ARLEI SANDER DAMO: Em tese deveria fortalecer. Sou um dos organizadores de uma edição da revista Horizontes Antropológicos, cujo tema é Megaeventos. Temos megaeventos em quase todos os campos – religião, política, economia, música, mídia – mas predominará na revista, que será lançada em setembro, artigos sobre a Copa e as Olimpíadas. Esses dois megaeventos tornaram-se quase sinônimos de megaeventos, e ninguém mais recomendado para falar sobre eles do que alguém com domínio na área do esporte. Não tenho dúvidas que seremos convocados para tal. O fortalecimento da área vai depender do que será dito e escrito. Se nossas análises mostrarem-se convincentes, se aportarem algo novo ao que é dito cotidianamente – e como se diz coisas a respeito! – então lograremos alguma vantagem. Se nada de interessante tivermos a acrescentar, então termos deixado passar uma boa oportunidade.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Uma das grandes dificuldades de se fazer “certas sociologias”, como a do esporte e a da violência, por exemplo, é o da relação de proximidade de pauta com a mídia. Quais os perigos de se deixar pautar pela mídia? Como o jovem cientista social deve dosar sua relação com esta?

ARLEI SANDER DAMO: Penso que a mídia não é apenas um espaço de produção discursiva sobre o esporte. Ela o constitui; sobretudo o esporte de espetáculo. A mídia é parte desse negócio, coisa que nós, das ciências sociais, não somos. Se retirássemos a mídia esportiva de cena, o que restaria do esporte de espetáculo? A vinte ou trinta anos atrás era compreensível que uma dissertação ou tese mesclasse pontos de vista acadêmicos com jornalísticos, da mesma forma que se tomava como historiografia esses livros de memórias de jornalistas ou dirigentes esportivos. Mas avançamos o suficiente para produzir nossas próprias pautas.

Tenho uma crítica à produção brasileira, por exemplo, que considero excessivamente centrada no futebol e na perspectiva espetacularizada. Não é o caso de se afastar do mundo, nem de menosprezar os agentes sociais. Na hora de ir a campo, temos que dialogar com jogadores (de grandes clubes e da várzea!), dirigentes, torcedores, jornalistas, agentes de jogadores e por aí fora. Mas na hora de teorizar eu prefiro dialogar com os antropólogos da minha especialidade e também gosto muito daqueles que trabalham com outras áreas – rituais, política, economia, religião, arte, etc. Isso não precisa ser a norma, mas não dá é para trazer para dentro da academia o mesmo tipo de preocupação da mídia esportiva. Isso não faz sentido.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Durante a realização da Copa das Confederações no último mês de junho no Brasil podemos presenciar uma série de manifestações que tomaram conta do Brasil. Um dos lemas mais emblemáticos e difundidos era “mais pão, menos circo”. No Brasil, há uma tendência a relacionar diretamente o esporte com a alienação de massa, como o senhor vê essa questão?

ARLEI SANDER DAMO: As manifestações ocorridas durante a Copa das Confederações precisam ser analisadas com cautela, respeitando-se as diversidades – de público, de pautas, de eventos, de estratégias, de desdobramentos, etc. É inegável que a Copa das Confederações exerceu um papel importante, fazendo convergir muitos interesses, no tempo e no espaço. Os diversos cartazes alusivos à Copa no Brasil convergiam no sentido de questionamento dos gastos públicos. Achar que o dinheiro gasto com as arenas poderia resolver os problemas da saúde ou da educação é uma fantasia. Mas não se pode ler essas manifestações sem matizá-las. O que as pessoas estavam expressando eram temas de economia moral. Não dá para construir um estádio como o de Brasília – custando três vezes o valor da Arena do Grêmio, inteiramente com dinheiro público (nenhum empresário botaria um tostão naquilo!), numa cidade que só tem time na terceira divisão -, no centro da capital federal, à vista de todos, e passar impunemente. Estádios como o de Brasília foram projetados para as classes altas, gente endinheirada com poder de consumo. Muita gente só se deu conta de que não vai ver os jogos da copa agora, mas isso estava sendo dito a muito tempo. Em todo o caso, a reação foi intensa, abrupta e intempestiva. Não em tempo de impedir os gastos, mas ao menos de punir simbolicamente os responsáveis. Se isso vai se estender às urnas é outra história.

Acho que o conceito de alienação não explica coisa alguma, porque os que o utilizam querem explicar tudo. Penso que os movimentos sociais são diferentes no âmbito das questões ambientais, culturais, religiosas, econômicas e esportivas. Os torcedores brasileiros poderiam ser melhor articulados em termos de defesa dos direitos dos consumidores, por exemplo. Mas o que temos de organização, que poderia ser pensado como uma espécie de sociedade civil no interior do clubismo, são as torcidas organizadas. Elas representam muito bem os torcedores do ponto de vista estético e emocional. Elas são muito performáticas a este respeito, até mesmo nas questões que envolvem conflitos. Mas quando se trata de uma representação política, em termos diplomáticos e parlamentares, elas fracassaram. Não lograram forjar uma pauta para além de si mesmas. Elas sobreviveram por mais de três décadas das pequenas benesses obtidas junto aos clubes – ingressos subsidiados, sobretudo - e das rivalidades fratricidas. E não se pode dizer que não foram resistentes! Mas não conseguiram transcender a essas questões. Não conseguiram nem mesmo notar que as novas arenas não contemplam espaço para elas.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: O coordenador técnico da seleção brasileira de futebol, Carlos Alberto Parreira, fez em junho a seguinte declaração: "recebemos várias mensagens de que os torcedores iam vaiar, dar as costas para nós. Mas foi tudo ao contrário: todo mundo cantando o Hino Nacional e vibrando, o que emocionou os jogadores. Ficou comprovado que futebol e política não se misturam". Como o senhor avalia essa afirmação?

ARLEI SANDER DAMO: Trata-se de uma afirmação com forte conotação política, ainda que o próprio Parreira a ignore. Talvez ele gostaria que fosse assim, mas não é. A política

está em toda a parte e o futebol se mistura até mesmo com a política de Estado. Sem política não haveria copa no Brasil, porque a FIFA só tomou esta decisão depois de longas tratativas de bastidores, em que assegurou-se de que o Estado brasileiro promoveria a infraestrutura para a competição. Se tomássemos como referência o conceito de política em sentido mais amplo, como gestão do poder, então teríamos de admitir que um técnico de futebol, como o Parreira, faz política diuturnamente, interna e externamente. Torcer, já dizia o poeta Drummond, é um ato político com conotação emotiva. O jogo, diz-se em toda a parte, é uma guerra simulada, então ele poderia ser pensado como uma disputa política, em que se busca o domínio do território, o controle das ações do adversário, por fim o gol, que é a maneira como se contabilizam essas coisas todas.

O fato das pessoas que estavam no estádio terem cantado o hino e torcido pelo time da CBF que representava o Brasil está em linha com os eventos de junho. Também nas manifestações de rua as pessoas cantaram o hino, mesmo que criticassem deus e o mundo. Ocorre que a seleção é tida como um símbolo laico da nação. E como ocorre com as torcidas em geral, quando o time vai mal critica-se o técnico, os jogadores, os dirigentes, mas canta-se o hino do clube, porque ele é sagrado, e é sagrado porque representa a coletividade. Só em ocasiões extremas e isoladas temos a profanação dos símbolos clubísticos. E o mesmo vale para os símbolos nacionais. Tivesse a seleção perdido a final ou não chegado até ela, os torcedores teriam cantado o hino e vaiado os jogadores e a comissão técnica (incluindo-se o Parreira!). Mas como a seleção venceu, e fez um gol logo de saída, o jogo foi uma festa. Daí a concluir que futebol e política não se misturam tem uma distância enorme.